

Manifesto da Lista A - Combates pela História... da Arte

É indiscutível, e motivo do maior aplauso, o extraordinário avanço da História da Arte nos meios científicos nacionais das últimas décadas. De disciplina exótica e tímida nos anos imediatamente após a implantação da 3.ª República, os últimos 25 anos, quase coincidentes com o período fundacional da APHA, assistiram à constituição de um corpo científico solidamente implantado nos meios académicos, multiplicando-se as licenciaturas e os estudos pós-graduados.

Se esse avanço académico e científico é uma evidência, o mesmo não se pode dizer acerca do reconhecimento social da profissão. Ao contrário de outras “ciências” que trilharam caminhos em certa medida paralelos, a História da Arte pareceu conformar-se como disciplina de conhecimento no mundo universitário, como coisa contemplativa, mas raramente dotada de uma dimensão interventiva, com impacto na opinião pública e, mais grave, com real poder nos órgãos decisores. Também no Ensino Secundário a História da Arte não se afirmou, assistindo-se à leccionação de cadeiras específicas desta ciência por professores com outras formações académicas.

Apesar de algumas notáveis e louváveis excepções, a História da Arte não se pronunciou sobre as mudanças recentes no Ministério da Cultura e consequente orgânica institucional da administração central e regional. Neste novo cenário, a ausência da História da Arte ao nível decisório é um dos aspectos que mais contribuiu para o actual vazio de acção e de consciência que caracteriza alguns sectores dessa renovada administração.

Apesar de algumas notáveis e louváveis excepções, a História da Arte permitiu que se alterasse freneticamente a paisagem nacional, sacrificando-se grandes parcelas de centros históricos e a quase totalidade dos espaços peri-urbanos, perdendo-se irremediavelmente recursos insubstituíveis da nossa herança comum, descartados para sempre, em benefício de conjunturas imediatas ou, mais desgraçadamente, por simples ignorância dos decisores políticos.

À semelhança da missão de associações congéneres internacionais, é hora de assumir os deveres e os direitos que impõem a profissão e a formação humanista do Historiador da Arte. Se a investigação é, e será sempre, a fundação sólida do nosso ofício, que precisa ainda de ser reconhecido superiormente como actividade profissional, há um mundo à superfície sobre o qual o Historiador da Arte tem a obrigação de se pronunciar: da divulgação e promoção das actividades científicas do meio à formação de consciências comunitárias pela salvaguarda dos espaços de memória colectiva; da administração patrimonial e do ordenamento do território às discutíveis opções de restauro e de gestão de colecções de arte musealizadas, da ausência de fiscalização do Estado central à sensibilização das gerações vindouras para as problemáticas das artes e do património.

Ser Historiador da Arte, aqui e agora, é participar activamente dos debates acerca da alteração da paisagem;

Ser Historiador da Arte, aqui e agora, é juntar voz aos que lutam militantemente pela preservação e registo da memória;

Ser Historiador da Arte, aqui e agora, é contribuir para um modelo estratégico de desenvolvimento que não prescinde da cultura e do património como eixos estruturantes;

Ser Historiador da Arte, aqui e agora, é procurar o reconhecimento profissional, em prol de um ramo de actividade vital para os agentes que lidam diariamente com o nosso património.

Criar ciência. Formar consciência. Valorizar a profissão de Historiador da Arte.

Eis o que nos esperam os novos-velhos combates pela História... da Arte!